

Comércio adianta o corte dos zeros

Cansado de esperar pelo corte oficial de três zeros do cruzeiro, o comércio se adianta na iniciativa e adota uma nova moeda, por conta própria. Nas etiquetas e nas prateleiras, suprimem-se os três zeros que tanto incomodam as calculadoras, o raciocínio e até o idioma. Uma calça não custa “um milhão e oitocentos mil cruzeiros”, mas um mil e oitocentos cruzeiros. Um funcionário não ganha 35 milhões, mas 35 mil; e o aluguel também não é de 15 milhões, mas 15 mil.

Na Esplanada dos Ministérios comenta-se que os três zeros da mais fraca moeda da América Latina não foram cortados por dois motivos fundamentais: primeiro, uma atávica implicância do presidente Itamar Franco, que se recusa a adicionar o termo “novo” à palavra **cruzeiro**, e que gosta tanto deste substantivo isolado, sem adjetivos, quanto da palavra “fusquinha”. Segundo, um argumento pseudotécnico que recomendava o corte dos zeros somente a partir do momento em que fosse conquistada a estabilidade dos preços, pois de nada adiantaria cortar três zeros agora, se daqui a um ou dois anos teria de se fazer tudo de novo. Melhor, então, esperar a estabilização econômica. Mas como ela nunca vem, o mesmo destino tem o corte dos zeros. Enquanto isso, a população tem de se acostumar até com quatrilhões — privilégio, por enquanto, de quem lida com orçamento. Mas a julgar pelo ritmo da inflação, logo logo será também “democratizado” (H.R.).